

Painel: “Uma visão do Jovem sobre Valores, Princípios e Ética. Pesquisa do Ibope”.
Debatedores: Yvonne Maggie – Antropóloga e professora da UFRJ
Roberto DaMatta – Antropólogo e professor da Puc-Rio
Presidente de mesa: Henrique Zarembo – Diretor Financeiro do Sinepe Rio

Intervenção de Yvonne Maggie



Há dois anos estou desenvolvendo uma pesquisa qualitativa com escolas da rede estadual do ensino médio no Rio de Janeiro. Por conta disso, tenho feito várias incursões na área das pesquisas de opinião, o que me tem ajudado a aprender a lidar com esse material estatístico. Uma das coisas que mais me impressiona é a dificuldade de fazer as perguntas para que se tenha um melhor aproveitamento das respostas. Como fui formada em Antropologia, sempre duvidei de dados estatísticos, pois aprendi a trabalhar de outra forma, convivendo com as pessoas. Hoje, porém, é quase impossível não lidar com dados dessa natureza, pois a todo instante nos vemos às voltas com eles.

Outro dia, enquanto lia o jornal, deparei-me com um dado impressionante: o Brasil é uma espécie de campeão no acesso à Internet. Temos uma das maiores comunidades do Yahoo Groups e do MSN. Em relação ao último, contamos com 21,5 milhões de pessoas que o utilizam (apesar de que apenas 30 milhões de computadores estejam conectados à rede mundial) – nos EUA, com sete vezes mais computadores ligados à Internet, 30 milhões de usuários utilizam o MSN. De modo que o brasileiro, sobretudo o jovem, tem uma relação impressionante com esse tipo de informação. O brasileiro passa de 20 a 25 horas mensais conectado a esses programas. Recentemente, uma pesquisa feita na própria UFRJ, onde leciono, revelou que mais de 50% dos alunos freqüentam com muita assiduidade as comunidades do Orkut, nas quais permanecem por muitas horas, além de efetuarem suas pesquisas na Internet.

Fiquei muito surpreendida com os dados da pesquisa do Ibope, porque revelou a crença dos jovens na escola, nos professores e na educação. Embora eu não tenha dados comparativos, parece-me que essa crença é maior do que aquela das gerações passadas – a maioria dos pais não se preocupava com a educação dos filhos, nem estes se importavam muito com isso. Por exemplo, uma das perguntas da pesquisa indagava: “Quem você considera mais responsável pela garantia do futuro para pessoas como você?”. Em primeiro lugar, disseram “a família”, e em segundo, “os professores”. Há, portanto, uma crença na educação, na instrução, como forma de superar dificuldades e alcançar uma vida melhor. Por outro lado, temos um aspecto paradoxal, ou seja, o quase niilismo em relação ao futuro: os jovens acham que seu bairro vai ficar ruim, que o Rio de Janeiro piorará e que o Brasil e o mundo também vão piorar. Esse paradoxo talvez explique que, de fato, há uma crença na responsabilidade individual para a transformação do mundo. Isto, provavelmente, em razão de que a política e a justiça representem, em seu imaginário, o Brasil antigo, e, através dos estudos, eles acreditem na mudança.

Uma segunda questão que gostaria de discutir é o racismo, tema com o qual tenho trabalhado ultimamente. Parece-me que essa questão não foi abordada na pesquisa, apesar de ter sido feita com muito cuidado (apontando diferenças de classe, sexo, moradia, etc). Porém, não se faz nítida diferenciação entre estudantes pobres e ricos, mulheres e homens. Algo semelhante ao que vi, recentemente, no resultado de uma pesquisa na França a respeito do mesmo problema – as respostas independem de diferenças de classe, gênero, moradia, etc. A pesquisa francesa tinha como uma das questões fundamentais a tolerância com respeito a temas considerados delicados (homossexualidade, xenofobia, racismo), mostrando os jovens franceses muito rigorosos com a política, mas muito abertos e tolerantes. Acostumada a lidar com esse material e realizando pesquisas com as escolas, detectei a ausência do tema do racismo no elenco dos maiores problemas do Brasil na pesquisa do Ibope. Portanto, a questão do racismo não aparece como um problema – o maior é a violência, citado universalmente como o pior problema brasileiro.

Com respeito ao problema das cotas – raciais (negros e índios), estudantes da rede pública e pobres -, o resultado foi interessante. Há até pouco tempo, todas as pesquisas de opinião, inclusive as que realizei na UFRJ e nas escolas públicas, indicavam a aceitação do sistema de cotas entre os jovens da ordem de 48% - a aceitação das cotas para negros era inferior àquela para estudantes egressos das escolas públicas (as pessoas acham muito justo que haja cotas para estudantes da rede pública). Na pesquisa do Ibope, a opinião favorável às cotas é semelhante, mas o percentual dos que aceitam é maior. Talvez isso se deva ao fato de que esse debate tenha aparecido com muita frequência na mídia nos últimos meses. Isso me deixou muito espantada, porque tenho lutado contra as políticas de cotas. Paralelamente, 88% dos entrevistados disseram-se favoráveis à idéia do mérito individual. Esse resultado também apareceu na minha pesquisa, de caráter qualitativo. Os alunos da rede pública responderam que gostariam de se beneficiar do programa de cotas, porém isso não expressava sua visão sobre a negritude e as relações raciais. É uma espécie de Lei de Gérson: eles diziam que “já que existem as cotas, nós vamos nos inscrever”. Não significa, necessariamente, que as pessoas estejam buscando uma identidade de grupo ou étnica, como os proponentes dessa política tinham em mente.

Finalmente, a pesquisa do Ibope me impressionou sobremaneira porque, independentemente da posição de classe social, gênero e local de moradia, as respostas mostraram perfil universal. Isto pode significar que exista uma cultura juvenil de fato universal, ou que no Brasil as pessoas pensem de forma muito parecida, pois as respostas coincidem com as de outras pesquisas. Entretanto, se compararmos com aquela pesquisa francesa que citei, as perguntas se referiam às questões específicas da juventude. Sem a intenção de criticar, acredito que as perguntas feitas aos jovens cariocas foram difíceis de responder (se se consideram de direita ou de esquerda, etc), demandando uma maturidade típica de um adulto. Por ser uma pesquisa excepcional, eu sugeriria que se formasse uma espécie de **pool** entre antropólogos, sociólogos e pesquisadores especialistas nesse tipo de tecnologia para realizarmos, com mais frequência, sondagens desse tipo, especialmente sobre valores, ética e moral. Essas são questões não muito palpáveis, e, quando vemos certas respostas, nos questionamos como poderia ter sido se a indagação fosse formulada de outra forma.

Gostaria, ainda de me congratular com o SinepeRio e com os professores, uma vez que são citados como a instituição mais confiável da sociedade brasileira. Há tantas críticas à escola, mas, na verdade, quando se vê o resultado, percebe-se que os jovens confiam demais nela. Enfim, acredito que essa pesquisa é fundamental e que deveríamos colaborar no sentido de que as questões sejam ainda mais abrangentes, com perfil mais qualitativo. Por exemplo, no que se refere aos maiores problemas do Brasil, poderíamos indagar se, de fato, os governos estão agindo de acordo com os desejos da população (sua visão real dos

problemas), ou as políticas estão desencontradas. Com o devido cuidado, chegaríamos a resultados mais seguros. Portanto, acredito que esse tipo de pesquisa nos auxiliará, no futuro, a tecer comparações muito importantes para o encaminhamento de políticas públicas no Brasil.

Intervenção de Roberto DaMatta

De início, devo dizer que fiquei muito impressionado com a pesquisa. Recentemente, prestei consultoria a uma empresa da iniciativa privada sobre jovens. Ao entrevistar uma série de pessoas especialistas em juventude (psicólogos, educadores, etc), cheguei à seguinte conclusão: quando se fala de jovem parece que se está fazendo um teste de apercepção temática. As pessoas projetam sobre a imagem do jovem tudo o que querem; o resultado, enfim, foi como um circo ou jogo de futebol ruim.

A pesquisa do Ibope teve questionário fechado, ao contrário da minha. Portanto, só vou me ater aos dados apresentados e comentar o que mais me impressionou neles. Para um antropólogo que fez pesquisas com índios, como eu, cuja preocupação principal era traduzir o que ouvia – ou seja, dar sentido a instituições estranhas a mim –, faltam-me informações a respeito das condições desta pesquisa. Falta diferenciar o pensamento e a representação. Uma coisa é pensar sobre um assunto, outra coisa é dizer o que deve ser aquele assunto. Por exemplo, a opinião sobre o sexo não tem, necessariamente, nada que ver com o que se pensa sobre a sexualidade. Ao se misturarem as duas coisas, o resultado pode ser estapafúrdio. Nós pensamos individualmente, mas não pensamos por meio de categorias individuais. Pensamos através de categorias coletivas, filtradas pela cultura de nossa época, de nosso segmento social, de nossa religião. Há uma série de mediações que interferem entre aquilo que aparece como opinião e o que é coletado. Faltam, também, alguns dados comparativos, como os que a Professora Yvonne relatou.

Fiquei deveras impressionado com a importância atribuída à família na pesquisa. Isso apenas confirma muitas das coisas que escrevi sobre o Brasil, sem fazer nenhuma pesquisa quantitativa. Escrevi muitos livros sobre a família brasileira e fui criticado por meus colegas porque eu idealizaria nossa sociedade. Pois bem, a pesquisa confirma todas as minhas idealizações. A família é uma instituição que reina absoluta no cenário social brasileiro e continua sendo a fonte dos nossos problemas éticos, do nosso dilema. Trata-se de uma instituição desigual, hierarquizada, com matizes aristocratizantes, que compreende crianças e adultos, velhos e jovens, alguém que detém o poder, etc. Em um país como o Brasil, com grandes facilidades de acesso aos meios de comunicação e à Internet, 77% dos jovens, em pleno século XXI, apontarem a família como a principal instituição é um número absurdamente alto. É preciso que se entenda melhor o que significa isso, pois pode ser política, ética e culturalmente importantíssimo para o futuro que queremos construir para o Brasil. Em comparação, a escola obteve 48% das opiniões – é pouco em relação à família. E vejam que isso se dá num cenário de modernidade em que os intelectuais dizem que o Sujeito está descentralizado – o pensador francês Michel Maffesoli afirma que a família é uma tribo, que as pessoas perambulam, que há enorme liberdade, etc. Só que depois todo mundo congrega em casa e fica debaixo das asas do pai e da mãe.

Com respeito ao percentual de aprovação da escola, considero interessante, mesmo com esse tipo de escola cheia de “tias”, que penso se tratar de uma imoralidade. Vejo meus netos chamarem suas professoras de “tias”, e a escola, como primeiro espaço público freqüentado e apropriado pela criança, não é a família ampliada, conforme imaginam nossos filhos. Assim agindo, não aprendem nenhuma regra universal, porque não temos um

programa de ensino destinado a ensinar aos brasileiros como o espaço público deve ser ocupado – que as pessoas não devem conversar nas portas de entrada; que não se deve conversar enquanto alguém estiver falando; que deve haver um pouco de respeito no restaurante quando se entra com um grupo, etc. Isso é a educação democrática para uma sociedade igualitária e democrática, que não inclui apenas os grandes bancos – é mais do isso! Lamentavelmente, os governos brasileiros pensam no liberalismo apenas no plano financeiro e econômico. O liberalismo implica uma série de valores, e essa pesquisa revela esses valores contundentemente.

Se, em vez de constar da pesquisa o item “família”, constasse o item “casa”, o percentual de confiança seria muito maior. Como escrevi em alguns de meus livros, a oposição não é família/escola, e sim casa/rua. A casa é o espaço onde se conciliam posições diferenciadas, porque inclui empregados e agregados – que não são membros natos da família, não têm sangue e carne dos membros fundadores da família. Inclui, também, os transitórios – parentes, visitantes, etc. se somarmos os percentuais de “família” e “amigos” da pesquisa sobre instituições confiáveis, obtêm-se 85% - família e amigos fazem parte da casa. A sociedade se reduziu à casa e à família.

As instituições inventoras do chamado espaço público e democrático – governo, partidos políticos, associações voluntárias, religião, etc – não aparecem como elementos importantes na pesquisa. As associações voluntárias, já dizia o pensador francês Aléxis de Tocqueville, são fundamentais para definir os EUA; o velho sociólogo americano Talcott Parsons, que ninguém lê mais, demonstra que a religião protestante americana é particular, constituída de igrejas particulares. Ou seja, no nível de representação, os informantes não associam o seu futuro com o mundo público. E, quando falam especificamente de futuro, como nós vimos no resultado da pesquisa, tem-se um quadro inquietante, angustiante, de descrença completa, como não poderia deixar de ser. Isto porque vivemos uma situação em que a economia foi arrumada, estruturada, e colocou a nu o campo do político, que tinha vários elementos religiosos. Algo que o velho Talcott Parsons apontava, quando diferenciava o mundo político americano (sem influência marxista) do mundo político europeu (com influência marxista, repleta de elementos religiosos). E eu não preciso dizer a vocês, sem qualquer posição preconcebida contra nenhuma ideologia política, que a esquerda brasileira deteve, até este governo, a hegemonia da paisagem da imaginação política brasileira. O interessante é que isso se fragmentou e é necessário uma reorganização dessa “paisagem” – que tem uma série de pressupostos, também contidos na pesquisa.

A representação que li pesquisa me pareceu aristocrática, hierárquica – como descrevi em alguns de meus livros –, e é a própria expressão da teoria do medalhão descrita por Machado de Assis, no século XIX, presente nesse Brasil do Lula. Os amigos são importantes, a escola é importante, etc. Os personagens da família não são apenas dominantes, mas também exclusivos – o que confirma a configuração aristocrática, assentada na família e na casa, da sociedade brasileira. O quadro também confirma o lugar da mãe, como centro do sistema, a dona da casa, guardiã da moralidade da família, responsável por tudo o que acontece na casa, sobretudo pelo nível de limpeza e sujeira da casa (não apenas a física, mas também a sujeira ética, moral, etc). A pesquisa revela, ainda, que as amizades são o que mais preocupa os pais no processo educacional – processo que, necessariamente, leva o jovem para fora de casa.

Num mundo em que não se tem mais um Sujeito individual, tudo está descentralizado, não há noção de gênero, as coisas mudam de lugar, todos vivemos em tribos, todos temos tatuagens (se não no corpo, ao menos na alma). Então, fiquei muito surpreso com os resultados: mãe é fundamental, os amigos são controlados (porque vão entrar na casa).

Isso reforça a velha idéia de Antônio Vieira de que o Brasil não é uma "pátria", mas uma "mátria".

A pesquisa produziu em mim uma reflexão sobre o que não temos. Ou seja, a preocupação não é que a escola seja um complemento ou uma contrapartida à família. Não temos a escola como uma instituição competitiva. No Brasil, a família reina como a instituição absoluta, não há competição. No tempo de meu pai, quando seminários e escolas militares eram importantes instituições de formação de jovens, ainda havia alguma competição, pois as crianças iam para o internato e se ressocilizavam. Então, a nossa responsabilidade como chefes de família e de donas-de-casa é imensa. A menos que dediquemos mais energia na fundação, no aperfeiçoamento, institucionalização dessas instituições, que também educam, mas de maneira muito diferente da família. Portanto, utilizar um termo de parentesco como "tia" na escola é um absurdo. Tem que ser "senhor" e "senhora". Porque o mundo público é o mundo da igualdade, do senhorio, da cidadania, e não o mundo do nepotismo. Nós, inconscientemente, estamos tão envolvidos nisso, que não temos consciência para discutir o assunto de forma serena.

Quanto à indagação de como progredir pessoalmente, a pesquisa aponta 25% para relacionamento pessoal, contra apenas 27% de relacionamento profissional e de trabalho duro. Ou seja, as pessoas ainda acreditam que o relacionamento pessoal é importante. No que se refere aos formadores de valores, os pais estão muito acima dos professores e dos amigos, bem como da religião, que é outro elemento essencial, mas que, a meu ver, no caso brasileiro, foi inteiramente englobado pela política. Vemos, ainda, que o sucesso e o dinheiro são predominantes, vasta que se assistam às novelas da Globo, em que as favelas aparecem com decorações mais sedutoras do que as nossas casas. Notamos o baixo interesse pela participação política, porque entre nós o político não se refere ao lado positivo da vida, que é representar valores, e os políticos sempre aparecem na condição de tirar proveito, usufruir benefícios através da representação pública. Achei impressionante como a sorte e o jogo surgem como dados fundamentais para o sucesso, logo abaixo de uma vida amorosa intensa.

A moralidade vista como a base da sociedade só nos revela o tamanho da crise ética que estamos vivendo. Aquilo que pode ser instrumento da mudança numa sociedade democrática, a política, é vista por 80% dos jovens como sendo uma coisa ruim. Esses maus exemplos são percebidos como expressão do "jeitinho" – de isso continua vigoroso e funcionando. Achei também interessantes certas questões sobre segmentação social, especialmente a noção de que haja a exploração dos mais fracos – é preciso, porém, definir o que significa esse "fraco" na representação das pessoas. Neste ponto, talvez, se possa ver um componente religioso dentro do espectro que podemos chamar de político-ideológico.

O dilema brasileiro, conforme escrevi no livro "Carnaval, Malandros e Heróis" (1979), continua funcionando. Nós queremos ser uma sociedade competitiva, de mercado, igualitária, democrática; mas também queremos uma sociedade aristocrática, com uma nomenclatura, com magnatas, etc – e todos os pobres sendo cuidados pelo governo, e nós não temos nada a ver com isso. É muito complicado ser uma sociedade com esses dois ideais, simultaneamente. Isso está mais ou menos apontado na pesquisa. O futuro é péssimo, existe o dilema e seria interessante aprofundar esse tipo de investigação.